

BC aponta causas da evasão de divisas

falta de unidade

especialmente na adoção de conceitos — como o de reserva de mercado — e a não-coesão entre os formuladores da política econômica e os escâlões inferiores que manipulam os mecanismos de aplicação são as razões apontadas pelo diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, para justificar a evasão de divisas e o baixo nível de ingresso de capital externo no País este ano. As grandes dúvidas dos empresários estrangeiros, segundo informa, se referem à multiplicidade de órgãos do governo que se juntaram para a formulação de normas para setor econômico. Ele citou, por exemplo, o CDI (Conselho de Desenvolvimento Industrial), a SEI (Secretaria Especial de Informática), o IPI (Instituto de Política Industrial) que, entre outros, invocam poderes de definição das regras do jogo às vezes incoerentes com o discurso dos ministros de Estado e do próprio presidente da República.

la futura em relação a esse mesmo capital", diz Carlos Freitas, referindo-se às constantes queixas que nas últimas semanas tem ouvido de empresários estrangeiros.

A decisão de trazer para o Brasil mais investimentos, segundo ele, se limita, na percepção destes investidores, nas próprias margens de lucro que teriam. Ele observou que em 1983, com a recessão econômica, era natural que houvesse timidez no ingresso de capital. Em 1984, havia

uma pequena recuperação e isto também se manifestou com ingresso de novos recursos. 1985 não foi receitivo e 1986 muito menos mas, mesmo assim, não se verificou a entrada destes investimentos. De acordo com as projeções do Banco Central, terão sido "desinvestidos" este ano, no Brasil, cerca de US\$ 500 milhões, sendo que o líquido de novos investimentos foi de menos US\$ 130 milhões, quando, no ano passado, o saldo foi positivo em US\$ 222 milhões.

Brasil, aqui mesmo no continente, o meio ecológico econômico não é favorável para novos investimentos". De qualquer maneira, ele disse que tem procurado saber o que permitem estes investidores estrangeiros, sem, entretanto, procurar persuadidos a colocar capital no Brasil. No entendimento de Carlos de Freitas, isto só será possível se o governo tomar providências para unificar seu discurso e sua prática econômica. Ele informou que o ministro do Planejamento, João Sayad, de poss

deste mesmo diagnóstico, convoco recentemente reunião com integrantes dos vários setores do governo para discutir uma fórmula capaz de dar mais unidade ao setor.

Ele reitera, porém, que o principal inibidor para o ingresso de capital externo é a reserva de mercado “que intimida outros setores e aí — continuou — eu me pergunto por que o desinteresse? e respondi: a geração de lucros dos investimentos já realizados é suficiente para eles que tiveram um **overshutting** na década de 70 e estão sobrevivendo bem com estes lucros. Além disso — prossegui — pensaram que haveria a conversão das dívidas em investimentos, mesmo com concessão de crédito, e não reinvestiram”.

Freitas recomendou: "Para melhorar a situação, nada de açodamento. Devemos procurar melhor e tritamento nos contatos entre governo e empresários estrangeiros para que se tenha uma percepção efatos reais e se desfaça a desconfiança geral, além de ser realmente necessária a reunião dos órgãos do setor para se ter um posicionamento de governo.



a do Banco Central acredita que o próximo ano haveria melhor desempenho.

penho deste setor. "Em 198

ve uma repatriação muito grande de capital, mas, de acordo com nossas projeções em 87 poderá haver a aco-

modação em consequência da definição das empresas americanas (que representam 31% do total de investimentos estrangeiros no País e fizeram uma retirada de 71% do seu capital) que já terão sido beneficiadas pela lei fiscal aprovada, este ano, nos Estados Unidos. Espera-se, no próximo ano, balancear-se a entrada com a saída de capitais."

e outros gêneros considerados reflexos pela Cacex (Carta

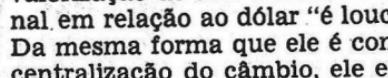
Comércio Exterior do Banco de
Brasil).
Esta decisão faz parte da política
de ajustes do governo na tentativa
de reequilibrar a balança comercial.
porque, segundo o diretor de Áreas
Externa do Banco Central, é necessária
a racionalização das importações.

"Eu prefiro rabanadas a avelãs",
disse, observando ainda que não fariam ovos para fazer as rabanadas,
se os produtores nacionais, ao invés

De qualquer maneira, mesmo com a preocupação no desempenho da balança comercial, que, para que tenha seu quadro definido nos próximos seis meses, depende de provas

dências a serem tomadas desde já, diretor de Área Externa do BC não espera para 1987 superávit acima de Cz\$ 5 bilhões (este ano a projeção em torno de Cz\$ 10 bilhões). No entender de Freitas, este volume é compatível com um desenvolvimento econômico no País da ordem de 6% o que é esperado para o próximo ano.

valorização de 30% da moeda nacional em relação ao dólar "é loucura". Da mesma forma que ele é contra a centralização do câmbio, ele espera que as medidas tributárias adotadas pelo governo deem resultados para a caixa, a partir de março: "É preciso esperar". **(Brasília Ag. Estadual)**



e A S E